

# O FALSO NÃO É O VERDADEIRO: O PROBLEMA DAS *FAKE NEWS* NA CONTEMPORANEIDADE À LUZ DO DIÁLOGO *GÓRGIAS* DE PLATÃO

*Alexandre Anselmo Guilberme*  
*Gabriel Rodrigues Rocha*

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

**Resumo:** O artigo se propôs a compreender o tema das notícias falsas como tópico que aglutina em torno de si, questões que são de caráter eminentemente ético e epistêmico, educacional e político. Desse modo utilizou-se do diálogo *Górgias*, de Platão, para que mediante as suas problematizações como a oposição entre opinião e conhecimento e entre a racionalidade discursiva da filosofia e a retórica sofística, fosse então possível a problematização de um tópico contemporâneo a partir de uma contextualização filosófica clássica. Nesse sentido evidenciou-se que tanto a retórica como as *fake news* possuem a mesma finalidade, isto é, meramente persuadir, portanto, levar a crer sem considerar a distinção entre simples opinião e conhecimento. Do mesmo modo o artigo apresentou como possibilidade de enfrentamento aos danos causados pelas notícias falsas uma perspectiva filosófico-educacional fundamentada nos conceitos complementares de *Paideia* e de *Bildung*, demonstrando-se assim que a causa primária de criação e propagação de *fake news* é, em verdade, originária de falhas formativas à educação da pessoa humana. Assim, sugestionou-se que a formação humana em sentido racional e ético, condicionada na aquisição de virtude ou excelência (*arete*) na alma (*psyche*), bem como uma formação direcionada ao autodesenvolvimento da pessoa, são imprescindíveis para atenuar, de modo profícuo, as inverdades e injustiças provindas das notícias falsas que, invariavelmente, ocasionam prejuízos diversos aos indivíduos, às sociedades e às democracias.

**Palavras-chave:** Notícias falsas, retórica, *bildung*, sofistas, *paideia*.

**Abstract:** The article aims to understand the theme of false news as a topic that gathers around itself, issues that are eminently ethical and epistemic, educational and political. Therefore, we used Plato's *Gorgias* dialogue, so that through its problematizations as the opposition between opinion and knowledge and between the discursive rationality of philosophy and sophistic rhetoric, it was then possible to problematize a contemporary topic from a classical philosophical contextualization. In this sense, it was evidenced that both rhetoric and fake news have the same purpose, that is, merely persuade, therefore, lead to believe without considering the distinction between simple opinion and knowledge. Likewise, the article presented a philosophical-educational perspective based on the complementary concepts of *Paideia* and *Bildung* as a possibility of facing the damage caused by fake news, thus demonstrating that the primary cause of the creation and propagation of fake news is, in fact, would originate from formative failures in the education of the human person. Thus, it is suggested that human training in a rational and ethical sense, conditioned on the acquisition of virtue or excellence (*arete*) in the soul (*psyche*), as well as training aimed at the person's self-development, are essential to

attenuate, in a fruitful way, the untruths and injustices arising from false news that, undoubtedly, cause different damages to individuals, societies and democracies.

**Keywords:** Fake news, rhetoric, bildung, sophists, paideia.

## Introdução

A expressão notícias falsas, comumente conhecida no termo de língua inglesa por *fake news*, indubitavelmente tornou-se matéria de noticiários mundiais<sup>1</sup>. Não obstante o seu relevo jornalístico, esse tópico contém implicações filosóficas e educacionais, pois traz consigo a questão relacional entre discurso verdadeiro e falsidade do discurso<sup>2</sup>. Denomina-se discurso, pois que a finalidade é publicizar o dito, seja este escrito ou falado, portanto, denota a intenção de persuadir ouvintes e leitores. Sugere-se que qualquer pessoa poderia de maneira involuntária proferir um discurso falso, assim constituindo-se como simples consequência de não-saber sobre o assunto ou sobre os fatos em questão. Porém, não se trata apenas disso, mas sobremaneira, do ato de dizer e propagar o falso sabendo-se o verdadeiro. Nesse caso tem-se o problema quanto a eticidade discursiva, porquanto ao propagar falsidades sabendo-se o verdadeiro, o indivíduo assume a responsabilidade de faltar com a verdade, assim proferindo juízos falsos sobre algum tópico, personalidade ou circunstâncias. Claro que esse indivíduo não estaria proferindo esse discurso de modo em que se encontrasse coagido, mas de modo livre e deliberado.

Desse modo duas questões se apresentam, de um lado tem-se uma perspectiva meramente epistêmica, ou seja, saber se o discurso, seja este falado ou escrito é verdadeiro ou falso; de outro, tem-se o horizonte ético, ou seja, quando se sabe a verdade e proposadamente se a omite, ou afirma-se o seu contrário, logo, o falso. Assim se enunciam questões sobre a verdade, a veracidade e a realidade daquilo que é proferido. É possível reflexionar sobre o que ponderamos a partir de um simples exemplo: – Digamos que alguém afirme: “A vacina contra o sarampo causa a morte de

---

<sup>1</sup> “Não é de hoje que mentiras são divulgadas como verdades, mas foi com o advento das redes sociais que esse tipo de publicação se popularizou. A imprensa internacional começou a usar com mais frequência o termo *fake news* durante a eleição de 2016 nos Estados Unidos, na qual Donald Trump tornou-se presidente. *Fake news* é um termo em inglês e é usado para referir-se a falsas informações divulgadas, principalmente, em redes sociais”. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/curiosidades/fake-news.htm> Acesso em 15 jun. 2020.

<sup>2</sup> Como se pretende refletir criticamente sobre o fenômeno das *fake news* a partir de uma interpretação filosófica, será considerado que as “notícias falsas” também se constituem em um tipo de discurso. Uma notícia é sempre sobre algo ou alguém, podendo ser falsa ou verdadeira. No entanto, uma notícia sempre inicia pelo seu desfecho, o que favorece a sua disseminação, sobretudo nas redes sociais, comumente utilizadas no mundo contemporâneo.

inúmeras crianças”. – E alguém lhe pergunte: “Isso é verdade”? Nisso se constitui duas perspectivas, a ética e a epistêmica em sua relação com o discurso emitido. Pois, quando queremos saber se quem disse àquela afirmação sobre o sarampo está dizendo algo que é uma verdade ou uma mentira – temos o problema de veracidade da afirmação, portanto, uma questão metaética quanto a validade do juízo ético enunciado. Agora, se indagamos se a proposição sobre o sarampo é verdadeira ou falsa, tem-se um problema epistêmico, e nisso a relação com a realidade. Dizemos que algo é real quando existe no mundo, e são sobre as coisas que existem no mundo que expressamos o juízo de serem falsas ou verdadeiras. Assim, nessa perspectiva teórica considerada, os juízos epistêmicos podem corresponder ou não à realidade, do que se conclui que é verdadeira a proposição que corresponde a um fato da realidade. Isso integra a chamada *teoria da correspondência* que, embora tenha suas contestações, como por exemplo na questão seguinte: Conhecemos a realidade como ela é ou como nos parece ser? Entrementes, como fundamento ao estudo que se apresenta e mediante aos seus objetivos, aceitaremos a *teoria da correspondência* como verdadeira<sup>3</sup>. Resulta assim que quando há a criação e disseminação de *fake news*, temos um tipo de discurso que propositalmente se utiliza de recursos humanos (e tecnológicos) para expressar falsidades. E nisso se encontram as duas mencionadas perspectivas do problema, pois constitui-se falso porque não encontra correspondência entre os fatos e evidências verdadeiras e, mesmo sabendo-se falso, ocorre a sua livre e deliberada propagação. Nesse propósito, crê-se justificar a convicção de que se atenta à genuíno problema filosófico-político-educacional apresentado às sociedades contemporâneas, porquanto, quer sejam nas relações sociais e familiares, ou nas salas de aula ou em ambientes virtuais de redes sociais, as pessoas se tornam persuadidas pelas opiniões que compõem as notícias falsas e as disseminam, seja por ignorância ou por deliberada escolha.

Nessa conjectura, consideraremos o diálogo *Górgias*, de Platão, como texto imprescindível para pensarmos os problemas acima considerados. Pois, reflexiona-se que há uma equivalência entre a finalidade das *fake news* e a retórica, a saber, a persuasão. Porque do mesmo modo que as *fake news* são utilizadas para influenciar condutas e produzir opiniões, também a retórica foi utilizada pela sofística intencionando os mesmos objetivos de suggestionar ações e ocasionar crenças ou opiniões (*doxai*). E fora justamente a tradição socrático-platônica que se contrapôs a retórica sofística. Desse modo, a problematização do tema de modo comparativo através do horizonte filosófico nos parece absolutamente factível.

---

<sup>3</sup> BLACKBURN (1997, p. 402): “Aristóteles disse que uma afirmação é verdadeira se diz do que é que é, e do que não é que não é (*Metafísica*, IV. 1011). Mas uma teoria da correspondência não é apenas a perspectiva segundo a qual a verdade consiste na correspondência com os fatos, mas antes que é teoricamente interessante nos darmos conta disso. Uma teoria da correspondência distingue-se por defender que as noções de correspondência e fato podem ser desenvolvidas o bastante para transformar a banalidade numa teoria interessante.”

Em vista disso espera-se demonstrar o quanto as ações discursivas influenciam em nossas perspectivas teóricas tanto quanto em nossa vida prática, pois que as opiniões que aderimos como verdadeiras influem diretamente sobre a maneira como procedemos e, por isso mesmo, são imprescindíveis à formação ética e à virtude política<sup>4</sup>. Nesse sentido, as opiniões que consentimos e manifestamos devem sempre considerarem as distinções entre o verdadeiro e o falso, entre a realidade dos fatos demonstráveis às narrativas fictícias, para que dessa forma contenham indeclinável rompimento com a falsidade e a mentira que, comumente, oportunizam e reforçam a ignorância, a deseducação e as injustiças.

Esse é o horizonte teórico que acabou por orientar-nos em direção a indispensabilidade da melhor formação humana orientada às virtudes ou excelências (*aretai*) da alma (*psyche*) – do mesmo modo como fora considerado pela tradição filosófica de Sócrates e Platão – e que também culminou por encontrar forte semelhança ao conceito moderno de educação como *Bildung*. Nesse propósito resultou a compreensão que certo modo de educar a pessoa humana, afronta, efetivamente, a causa primária das *fake news*, ou seja, a nossa plausível corruptibilidade.

### O *Górgias* e a questão da formação humana: Retórica, Sofística e Filosofia

O diálogo *Górgias*, que a seguir nos ocuparemos, apresenta-nos Sócrates<sup>5</sup> como filósofo que efetivamente se opõe a sofística e a retórica. Salienta-se que a sistematização da retórica é realizada por Aristóteles, em sua magistral obra, *Retórica*<sup>6</sup>.

<sup>4</sup> BOBBIO, N. VIROLI, M. (2007, p. 9): “[...]. Certamente não é a vontade de imolar-se pela pátria. Trata-se de uma virtude civil para homens e mulheres que desejam viver com dignidade e, porque sabem que não podem viver com dignidade em uma comunidade corrupta, fazem o que pode, quando podem, para servir à liberdade comum [...] assumem seus deveres civis, mas não são absolutamente docéis; são capazes de mobilizar-se, para impedir que seja aprovada uma lei injusta ou para pressionar os problemas pelo interesse comum [...] querem compreender e não querem ser guiados ou doutrinados [...]”.

<sup>5</sup> Sobre a relação entre Sócrates e Platão, asseveramos que Sócrates não escreveu textos filosóficos. Assim o conhecimento de sua teoria e prática filosófica, é, sobretudo, de seu discípulo Platão. Ademais, incluir-se-ia a obra de Xenofonte, Aristófanes e, ainda, as inúmeras referências feitas por Aristóteles. Em Platão temos uma extensa obra escrita na forma de *Diálogos*, nos quais, Sócrates é um de seus principais interlocutores, principalmente nas obras de sua juventude, nos chamados “diálogos socráticos”, aos quais o diálogo *Górgias* pertence. Uma questão até certo ponto insolúvel é se Platão é porta-voz da filosofia socrática ou Sócrates é o porta-voz do platonismo, provavelmente ambos ocorram. Tem-se assim a denominada “questão socrática”, ou seja, se Sócrates personagem dos *Diálogos* de Platão, equivaler-se-ia ao Sócrates histórico, ou se somente expressaria o Sócrates platônico, portanto, aquele que enuncia as teorias filosóficas de Platão. A escolha teórica aqui considerada é que Sócrates personagem dos *Diálogos* de Platão, em grande medida, corresponde ao Sócrates histórico. Sobre o tema vide, dentre outros: VILHENA, M. V. *O Problema de Sócrates: o Sócrates histórico e o Sócrates de Platão*. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

<sup>6</sup> Não obstante como escreve CORBETT (1971, p. XI apud JÚNIOR, 2005, p. 16): “A Retórica de Aristóteles não é o produto da mera idealização de princípios nascidos com ele e por ele

Entretentes, a retórica como saber surge em período anterior e podemos aferir que ela surge antes como prática que como teoria, nesse sentido, haviam dois modos práticos de fazer-se uso da retórica: o pedagógico e o judicial<sup>7</sup> e, em ambos aspectos, se coadunavam com a querela entre os filósofos e os sofistas. Em grande medida tratar-se-ia de uma questão quanto ao modo mais excelente (*arete*) de educação (*paideia*) humana a partir de algo capital à Antiguidade Clássica, isto é, como conduzir-se de modo excelente na melhor utilização do *logos* enquanto racionalidade discursiva.

Pondera-se que o termo *paideia* expressa uma idealização formativa contida no axioma *kalokagathia*. Jaeger (2003, p. 336) propõe que “o nascimento da *paideia* grega é o exemplo e o modelo deste axioma [*kalokagathia*] capital de toda a educação humana”. Por sua vez, a *kalokagathia* contém em si o tema não menos importante da *arete* (excelência ou virtude)<sup>8</sup>. Assim, no embate entre sofistas e filósofos tem-se o problema de como formar as virtudes ou excelências (*aretai*) na alma (*psyche*)<sup>9</sup> dos ouvintes<sup>10</sup> quando do uso público da palavra. Será, pois, sobretudo na consideração e na busca de definição do que a *arete* é, que os argumentos de Sócrates irão se opor de maneira enfática a concepção sofística de *arete*, no modo como é apresentado por Cálicles, no diálogo *Górgias* (492b-c), de Platão:

Pois para os que nasceram filhos de reis, ou que por natureza sejam capazes de conquistar algum império ou o poder e qualquer domínio: haverá nada mais

---

convencionados para persuadir e convencer outras pessoas. É, sim, o produto da experiência consumada de hábeis oradores, a elaboração resultante da análise de suas estratégias, a codificação de preceitos nascidos da experiência com o objetivo de ajudar outros a exercitarem-se corretamente nas técnicas de persuasão”.

<sup>7</sup> A originalidade judicial da retórica surge da necessidade de defender-se de acusações, em época anterior ao nascimento do Direito, legado romano. Conforme OLIVIER (2004, p. 2): “A Retórica não nasceu em Atenas, mas na Sicília grega por volta de 465, após a expulsão dos líranos. E sua origem não é literária, mas judiciária [...] certo Córax, discípulo do filósofo Empédocles, e o seu próprio discípulo, Tísias, publicaram então ‘uma arte oratória’ (*tekhne rhetorike*), coletânea de preceitos práticos que continha exemplos para usos das pessoas que recorressem a justiça. Ademais, Córax dá a primeira definição da retórica: ela é ‘criadora de persuasão”. Na obra *Apologia de Sócrates*, de Platão, torna-se evidente às críticas veementes que o filósofo apresenta à retórica quando usada nos tribunais e assembleias públicas.

<sup>8</sup> Quanto a questão de traduzir o termo grego *arete* por virtude ou excelência, pensa-se no seguinte argumento de MESQUITA (1995, p. 37): “Traduzir não é encontrar o exato correspondente lexical, traduzir é encontrar o termo cujo significado atual melhor recupera o sentido originalmente pensado na palavra traduzida.” Nesse sentido quando utilizarmos, exemplificando, “a virtude da cidade é a justiça” sabe-se que é correlato à excelência da cidade.

<sup>9</sup> TRABATTONI (2010, p. 132): “A alma é, antes de tudo, a sede do intelecto e da consciência e é o sujeito das ações e dos valores morais”. Para ROBINSON (2007, p.16), a tradução do termo grego *psyche*, encontra a sua melhor correspondência ao que hoje chamaríamos de “pessoa interna”.

<sup>10</sup> De modo independente de onde estes ouvintes se encontram, podendo ser em um auditório, assembleia, tribunal, ou em contexto essencialmente educativo, como em colóquios.

vergonho e prejudicial do que a temperança para semelhantes indivíduos? Tendo a possibilidade de gozar de todos os bens, sem que ninguém lhes atravesse no caminho, iriam impor a si mesmos um déspota, a saber, a lei da maioria, e o falatório dos outros, as censuras? O certo, Sócrates, é que a verdade que tu presumes procurar é simplesmente isso: o luxo, a intemperança e a liberdade, quando devidamente amarados, é que constituem ao certo a virtude e a felicidade. Tudo o mais, todos esses enfeites e convenções contrárias à natureza, não passam de palavrório sem valor.

Melhor compreende-se a imensurável distância entre os ideais filosóficos de Platão e Sócrates quanto à definição de *arete* e os princípios considerados pela sofística, bem como a premente necessidade de uma educação eminentemente ética, pois como infere Jaeger (2003, p. 335) a *kalokagathia* é “o conjunto de todas as exigências ideais, físicas e espirituais [...] de uma formação espiritual<sup>11</sup> consciente”, assim em semelhança aos princípios filosófico-educacionais pressupostos pela tradição socrático-platônica e, portanto, dissociado dos argumentos de sofistas como Cálicles<sup>12</sup>.

Na continuidade do diálogo *Górgias* (504d), Sócrates refere-se as virtudes-excelências de justiça (*dikaioisyne*) e de temperança (*sophrosyne*) como capitais à felicidade (*eudaimonia*) humana (508b), e com estas sugeridas como princípios ético-epistêmicos, define o que é peremptório ao orador honesto que propõe externar a verdade do *logos*

<sup>11</sup> No sentido de uma cultura abrangente, uma “cultura consciente universal”.

<sup>12</sup> Ao sofista não se deve conter as paixões (*pathos*), os impulsos da alma, mas, ao contrário, se deve estimulá-las a crescerem livremente, ser o que se é em sua natureza (*physis*), sem restrições e admoestações. O problema sobre os conflitos que ocorrem na interioridade da *psyche*, para Platão, é complexo e atravessa praticamente todo o trabalho conceitual do platonismo, assim estendendo-se desde *A Apologia de Sócrates* até seu último diálogo, *Leis*. Ora a alma adquire caráter triplice, como no caso do diálogo *Timeu* (89e-90a), ora se constitui como dualidade. Textualmente no diálogo *República*, denota-se a existência de dois polos e de uma função intermédia a comporem a *psyche*. Assim o elemento irascível (*thymos*), embora tendo sua função específica, (sendo uma “parte”, como Platão ajuíza em 441a), é maleável, encontrando-se entre as duas extremidades sugeridas: a racional (*logistikoi*) e a desiderativa (*epithumia*). Não obstante é indubitável haverem duas forças antagônicas na interioridade da *psyche* humana: a racional e a desejante. ANNAS (1999, p. 118), se utiliza em língua inglesa do termo “*parts*”, entre parênteses, indicando que a alma em Platão deva sempre ser considerada como unidade, havendo nesta, três funções ou faculdades a compô-la: “*rational, spirited, and desiring*.” Todavia indubitável é o fato de que é preciso conter, frear a alma desejante, mesmo que, como é argumentado no diálogo *Górgias*, seja necessário aplicar-lhe admoestações (também em *Leis*). REALE (2002, p. 175): “Em relação a seus predecessores, Sócrates adquire uma precisa consciência de que a alma é o eu inteligente e moral do homem”. Isso é importante na medida em que os fundamentos do mundo inteligível são-nos oferecidos por Platão, no desdobramento de sua própria filosofia, e nisso todas as questões ontoepistêmicas relacionadas ao conceito de *psyche* são com efeito platônicas. Porém, é evidente que o caráter de consciência individual e ética atribuído a *psyche* é um legado socrático. Como propõe LIMA-VAZ (2002, p. 97): “Ao estabelecer a necessidade do uso da razão para a prática da virtude, [Sócrates] inaugura a história da Ética como *ciência do ethos*, e essa será a marca indelével de sua origem socrática”.

em consequência de um juízo moral de honestidade, constituindo-se assim a veracidade do discurso (504d-e):

Com isso em vista [*aretai*] é que o orador íntegro e competente deverá dirigir seus discursos à alma dos homens, sempre que lhe falar, e todos os seus atos; e quer lhes dê ou tire alguma coisa, deverá pensar sempre no modo de fazer nascer a justiça na alma de seus concidadãos, e de banir a injustiça, de implantar nela a temperança e de afastar a intemperança.

Observa-se que Sócrates considera como o mesmo o fazer nascer a justiça na alma e ser efetivamente justo. Desse modo a palavra tem de dizer a verdade sobre o que se é, e, também por isso, exorta aos outros para que sejam do mesmo modo, ou seja, de maneira convergente à *areté*. Portanto, tem-se uma racionalidade discursiva filosófico-pedagógica que objetiva educar a *psyche* mediante princípios racionais e éticos essenciais (*ousia*). Do mesmo modo é um discurso que intenciona falar à interioridade dos ouvintes, um dizer a verdade (*parresia*) que propõe conduzir (*psicagogia*) o valor de verdade do dito<sup>13</sup>.

Torna-se evidente a Sócrates a indispensabilidade de se refutar a retórica como “arte de persuasão” e, do mesmo modo, refutar a sofística como conjunto de ensinamentos que preparam sobretudo ao poder político na diligência das principais funções públicas<sup>14</sup>. Do que se segue que não é possível aos sofistas, dentro da delimitação filosófica, ensinar a *areté* política, visto que desconhecem o justo e depreciam o valor ético da temperança tanto aos indivíduos quanto nas funções públicas, como da mesma forma anuem como dispensáveis a correlação entre verdade e realidade. Neste propósito depreende-se algo primordial ao sofista: o político notadamente é o orador. Por conseguinte, a *areté* política se fundamenta na “arte de persuasão”, ou seja, na retórica. A retórica para o sofista Górgias, apresenta (no diálogo homônimo 449d; 449e; 453a, respectivamente) por “objeto particular os discursos”, “ensina a falar” e “sua finalidade profícua é a persuasão”, sendo este o sentido de *areté* política aos sofistas, i., é,

<sup>13</sup> Em relação ao referido contexto dessa importante contraposição entre sofistas e filósofos, considera FOUCAULT (2010, p. 282-283): “Podemos identificar o que parece pertinente a uma análise do dizer-verdade filosófico em sua oposição ao dizer retórico, à maneira retórica de falar [...] Sócrates se apresenta como homem do dizer-a-verdade fora de toda *tékhnē*”. Como também considera mais adiante (2010, p. 297) que “em certo sentido o problema filosofia/retórica perpassa toda a obra de Platão”.

<sup>14</sup> JAEGER (2003, p. 339): “Já desde o começo a finalidade do movimento educacional comandado pelos sofistas não era a educação do povo, mas a dos chefes. No fundo não era senão uma nova forma de educação dos nobres”. No entanto, é bom dizê-lo, para não parecer que os sofistas não contribuíram com o desenvolvimento da educação (*paideia*) e da própria filosofia (ao esforço de refutá-los), prossegue (*Idem, Ibidem*, p. 343): “Nunca podemos deixar de nos maravilhar diante da riqueza dos novos e perenes conhecimentos educativos que os sofistas trouxeram ao mundo. Foram os criadores da formação espiritual e da arte educativa que a ela conduz”.

de tornar eloquentes e persuasivos os governantes, como evidencia-se no seguinte (*Górgias*, 452e):

O fato de por meio da palavra poderem persuadir os juízes no tribunal, os senadores no conselho e os cidadãos nas assembleias ou em toda e qualquer reunião política. Com semelhante poder, farás do médico teu escravo, e do professor de ginástica teu escravo, tornando-se manifesto que o tal economista não acumula riquezas para si, mas para ti, que sabes falar e convencer as multidões.

Da mesma forma o argumento anteriormente referido de Cálicles, também supõe, como denota Szlezák (2009, p. 211-212), “o desejo de prestígio junto à multidão, que na alma de Cálicles se contrapõe à natureza de Sócrates”. Na perspectiva socrática, ao contrário das pretensões da sofística, o exercício do pensamento filosófico, não raro, afetaria qualquer pretensão de prestígio com a multidão, porquanto a filosofia desacomodaria os fundamentos do próprio pensamento. Como assertivamente apresenta Arendt (2000, p. 134), “o pensamento apenas desperta, e isto lhe parece [a Sócrates] um grande bem para a cidade”. Essa característica de inquietação e de incômodo causado pela filosofia torna-se evidente quando Sócrates (*Górgias*, 513c) asseve que: “todos gostam dos discursos acomodados a seus hábitos e se aborrecem dos que lhes são contrários”, assim apresenta-se como indubitável a pretensão ético-educativa do dizer filosófico. A retórica constituir-se-ia como restritiva dessa intencionalidade discursiva do *logos*. Desse modo, como asseve Bréhier (1977, p. 81-82): “O ensino de Sócrates consiste, com efeito, em examinar e pôr à prova não os conceitos, mas os próprios homens, e levá-los a compreender o que eles são”. E complementa: “Uma conversação de tal natureza transforma o ouvinte; o contato de Sócrates [...] paralisa e embaraça; leva a refletir sobre si mesmo”.

Pierre Hadot (2004, p. 384-385) contribui sobremaneira para melhor compreendermos a qual tipologia de filosofia arrazoada-se com Sócrates e Platão:

Para compreender as obras filosóficas da Antiguidade, será necessário dar conta das condições peculiares da vida filosófica naquela época, revelar aí a intenção profunda do filósofo, que é não desenvolver um discurso que teria um fim em si mesmo, mas agir sobre as almas. De fato, toda asserção deverá ser compreendida na perspectiva do efeito que ela visa produzir na alma do ouvinte ou do leitor. Trata-se por vezes de converter, consolar, curar ou exortar, mas trata-se sempre e principalmente, não de comunicar um saber acabado, mas de *formar*, isto é, de ensinar um saber-fazer, de desenvolver um *habitus*, uma

capacidade nova de julgar e de criticar, e de *transformar*, isto é, de mudar a maneira de viver e de ver o mundo. Não causará espanto, então encontrar em Platão, em Aristóteles, ou em Plotino aporias nas quais o pensamento pareça encerrar-se, retomadas e repetições, incoerências aparentes, caso se recorde que são destinadas não a comunicar um saber, mas a formar e a exercitar<sup>15</sup>.

Nesse sentido a proposta interpretativa de Hadot, sobre as obras filosóficas pertencentes ao que se denomina de Antiguidade, consideram uma ruptura do que hoje suporíamos como caracterização da filosofia em suas diretrizes teórico-práticas. Conforme propõe Hadot (2004, p. 253-254):

O discurso é um meio privilegiado graças ao qual o filósofo pode agir sobre si mesmo e sobre os outros, pois, se ele é a expressão de uma opção existencial daquele que o sustenta, sempre tem, direta ou indiretamente, uma função formadora, educadora, psicagógica e terapêutica.

Resulta assim que os pressupostos socrático-platônicos veementemente se opõem a utilização retórica nos moldes preconizados pela sofística, desse modo, filosoficamente, é considerado concepções muito mais rigorosas em sentido racional, ético e político defronte a mera *arete* política dos sofistas. Como manifesta Reale (2007, p. 175), “a retórica no período clássico era uma força civil e política de primeiríssima ordem, tanto assim que os sofistas, pretendendo ser mestres e educadores ético-políticos das novas gerações, apresentaram-se como retóricos e mestres de retórica”. Desse modo a *paideia* filosófica socrático-platônica<sup>16</sup> apresenta princípios que objetivam uma *formação* intrínseca à *psyche* e, somente se exitosa, poderia haver uma pretensão para cuidar dos negócios públicos, ou seja, de tornar-se político<sup>17</sup>.

Para Olivier Reboul (2004, p. 15), na definição sobre o que a retórica é, o autor supõe duas proposições: a) “Pedro persuadiu-me de que sua causa era justa” e b) “Pedro persuadiu-me a defender sua causa”. Para o autor a proposição que corresponderia a retórica é somente *a*, pois a retórica consistiria “em levar a crer” sem, necessariamente, “levar a fazer”. Pois no

---

<sup>15</sup> Destaques seguem o original da edição citada.

<sup>16</sup> ANNAS (1999, p. 120): “Mediante o que dizem historiadores modernos da filosofia, Sócrates seria um exemplo de vida filosófica, enquanto uma psicologia moral seria corretamente atribuída a Platão.” [Tradução nossa]. Seja como for, inegável é o aspecto formativo orientado à *psyche* como questão primordial à conquista e desenvolvimento de *aretai* fundamentais.

<sup>17</sup> Conforme argumenta SZLEZÁK (2009, p. 209): “Em certo sentido [...] a ‘verdadeira retórica’ – que não é outra coisa senão uma paráfrase da dialética platônica – aos poucos se torna nítida como a medida para medir a retórica sofística”.

caso de *b*, Pedro “conseguiu levar-me a fazer alguma coisa”, não sabendo ele se acredito no que realizei ou não. A rigor, a partir da leitura de Reboul, Sócrates caracterizar-se-ia como retórico, porquanto, exemplificando-se, na *Apologia de Sócrates* tem-se Sócrates a persuadir os ouvintes no tribunal, os juízes, os seus acusadores, os seus discípulos e o público em geral de que a sua causa, ou seja, a peculiaridade do seu filosofar continha uma causa justa, em nenhum momento Sócrates pretende persuadir para advogar-se em sua defesa. Não obstante, ainda não bastaria a condução para a crença, distinto atributo da retórica, mas o saber da crença, a justificação para crer<sup>18</sup>. Portanto, Sócrates não é retórico, mas filósofo, pois convence que é impreterível saber sobre o saber que sabe da justiça, ou seja, a própria filosofia que, por afastar a *psyche* do injusto, da mesma forma afasta-a da inverdade, por isso o seu filosofar é um bem para a comunidade política (*polis*) que compõe a cidade.

### Conhecimento e crença, ação e discurso: O problema das *fake-news*

Sócrates prescreve à Cálicles na parte final do diálogo *Górgias* (527b): “Cada um de nós deve esforçar-se, acima de tudo, não para parecer que é bom, mas para sê-lo realmente, tanto na vida particular como na pública”. Constatase que não há separação entre a verdade do discurso, a veracidade do dito e a eticidade da pessoa que fala e age, em evidente apelo as *aretai* que, seja publicamente, ou de modo privado, é sempre a mesma, portanto, não há demagogia no dizer e nem falsidade no agir. Infere-se que não é admissível ao filósofo ou ao político que filosofa<sup>19</sup>, detentores de verdadeira *arete*, conduzir os ouvintes às ações que não sejam condizentes com o mais verdadeiro, ao bom e justo. Assim ao se introduzir a indispensabilidade de virtudes ou

<sup>18</sup> Em aproximação com o texto de PLATÃO, *Apologia de Sócrates*, 17a-b: “Não sei atenienses, que impressão vos causaram os meus acusadores. De minha parte, ao ouvi-los, quase esqueci-me de quem sou, a tal ponto eles foram persuasivos. E, no entanto, se assim posso me exprimir, não disseram uma só palavra verdadeira. Mas, entre as muitas mentiras que proferiram, uma me deixou verdadeiramente espantado: foi quando disseram que devíeis ter cuidado em não vos deixardes iludir pela minha hábil eloquência [...] a menos que eles chamem eloquente àquele que diz a verdade. Se é este o sentido em que falam, posso admitir que sou um orador, mas não à sua maneira”. Ou seja, não de acordo com a definição de retórica a ser considerada no diálogo *Górgias*.

<sup>19</sup> Pressuposto que apresentam consequências tanto nos argumentos favoráveis aos reis-filósofos em *A República*, quanto a *Carta VII* (consideramo-la como não-apócrifa). Nesta última consta (326b): “Fui obrigado a dizer, louvando a verdadeira filosofia, que a ela cabe discernir o politicamente justo em tudo dos indivíduos, e que a espécie dos homens não renunciará aos males antes que a espécie dos que filosofam correta e verdadeiramente chegue ao poder político, ou a espécie dos que têm soberania nas cidades, por alguma graça divina, filosofe realmente.” Para IRWIN (2008, p. 14): “Se Platão escreveu a *Carta VII*, esta merece receber a maior atenção de todos os leitores dos diálogos. Se não a escreveu, esta pode ainda ser mais significativa, histórica e filosoficamente”.

excelências fundamentais, a justiça (*dikaiosynē*), a temperança (*sophrosynē*) e o bom (*agathos*), originariamente temos o surgimento histórico e filosófico a caracterizar o princípio (*archē*) da própria ética, bem como a não menos importante relação entre ética e política<sup>20</sup>. Esses princípios prescrevem uma excelência moral necessária e diretamente relacionada com a noção de uma *paideia* imprescindível à alma. Consequentemente, o uso de uma racionalidade discursiva filosófica implica no direcionamento de uma formação humana que se assemelhe aos ideais referidos da *kalokagathia*.

O problema que advém, portanto, é ético e epistêmico. Guthrie (1971, p. 188) acrescenta-nos outra importante dimensão do problema no seguinte:

A retórica ensina, em primeiro lugar, que o que vale não é o fato em si, mas o que dele aparece, aquilo que pode persuadir os homens. É a arte do *logos* que não é somente discurso e raciocínio, mas também aparência e opinião, na medida em que estas se opõem aos fatos, e sua finalidade é a persuasão<sup>21</sup>.

Nesse propósito assevera-se a dissociação entre a racionalidade do discurso, o *logos*, com aquilo que efetivamente é, dissociação essa não factível pela racionalidade discursiva do *logos* filosófico. Pois, não é condizente ao filósofo e ao político que filosofa persuadir sobre a aparência e a opinião (*doxa*), ou seja, por aquilo que somente aparenta ser. Deste modo evidencia-se a ruptura com a questão *parresiástica* do discurso proferido pela filosofia, conforme apregoa-se na tradição socrático-platônica. Nos termos de Foucault (2010, p. 43): “A *parresia* é o encontro com o outro pela mediação da palavra, da palavra que fala a verdade de si para a verdade do outro. A *parresia* é o uso apropriado do *logos*”, logo, que intrinsecamente se manifesta na filosofia enquanto discurso que com efeito forma-configura (*Bildung*) a pessoa humana. *Ipsis verbis*, a retórica é adulação e não se constitui em arte (*technē*), apresentando-se como simulacro da política em perspectiva do feio, do ruim, e do maléfico<sup>22</sup>. Acepção semelhante está posta no diálogo *Fedro* (262c): “Logo, meu amigo, quem não conhecer a verdade, mas só alimentar opiniões,

---

<sup>20</sup> MACINTYRE (2001, p. 340-341), propõe que “se não houver um *telos* que transcenda os bens limitados das práticas constituindo o bem de toda a vida humana, o bem da vida humana concebido como uma unidade, fará com que certas arbitrariedades subversivas invadam a vida moral e sejamos incapazes de especificar adequadamente o contexto de certas virtudes.”

<sup>21</sup> [Tradução nossa].

<sup>22</sup> Do mesmo modo em que Sócrates apresenta equivalência entre o belo, o bom e o justo, considera o mesmo entre o ruim, o feio e o maléfico. No contexto do *Górgias*, (464d), Sócrates avalia que a retórica intenta fazer com a política o que a culinária pretende fazer com a medicina. Ou seja, por saber preparar os alimentos o cozinheiro não possui o saber que os qualifica como saudáveis ou prejudiciais à saúde.

transformará naturalmente a arte da retórica numa coisa ridícula, que nem sequer merece o nome de arte”. A mesma linha argumentativa consta no *Górgias* (464e-465a), por exemplo, quando Sócrates se contrapõe ao interlocutor e sofista Polo: “Com interesses superiores do homem não se preocupa no mínimo, mas vale-se do prazer como de isca para a ignorância, enganando-a (a alma) a ponto de parecer-lhe de muito maior valor [...] sem preocupar-se com o bem”. Do que resulta que a ignorância é alimentada pelas simples opiniões como as opiniões não justificadas reafirmam a ignorância, numa circularidade irracional.

Mediante a essa contextualização revela-se evidente o quanto em nossa atualidade mundial constata-se a mesma problemática no tema das notícias falsas. As chamadas *fake news* se utilizam de procedimentos persuasivos escritos ou falados que objetivam convencer pela aparência de verdade, reafirmando-se na ignorância, em opiniões (*doxai*) que propõem o falso como verdadeiro e o verdadeiro como falso. Textualmente ao diálogo *Górgias* (454d-e) a conclusão é de que a retórica persuadi em relação ao que “é fonte de crença” e “não de conhecimento”. Visto não ser possível haver conhecimento falso e verdadeiro, somente resta a retórica desconsiderar esta distinção em nome da persuasão, o que é inconcebível aos que filosofam. Desse modo Sócrates (455a) anui que “o orador não instrui os tribunais e as demais assembleias a respeito do justo e do injusto, mas apenas lhes desperta a crença nisso”. O cerne do problema é que (454e) “apesar disso, tanto os que aprendem como os que creem ficam igualmente persuadidos”.

O filósofo Comte-Sponville (2002, p. 57) apresenta-nos acurados argumentos a questão que concerne da relação entre o conhecimento, a crença e a verdade:

Conhecimento e verdade são [...] dois conceitos diferentes. Mas também são solidários. Nenhum conhecimento é a verdade; mas um conhecimento que não fosse nada verdadeiro não seria um conhecimento (um delírio, um erro, uma ilusão [...]). Nenhum conhecimento é absoluto; mas só é um conhecimento – e não simplesmente uma crença ou uma opinião – pela parte de absoluto que comporta ou autoriza.

Se a função da retórica é persuadir, e tal condição é suficiente aos sofistas, então não caberia a estes se preocuparem com a questão de fundamentação epistêmica, ou mesmo ética. Não obstante, infere-se que Sócrates sabe que o discurso inevitavelmente conduz a crença e, conseqüentemente, à ação. Portanto, ao filósofo não é tolerável desconsiderar

esses condicionamentos relacionais como fazem os sofistas<sup>23</sup>. Desse modo, em prosseguimento aos argumentos de Sponville (2002, p. 63):

[...] a sofisticada, ao contrário do racionalismo ou mesmo da filosofia. Se nada fosse verdadeiro, que restaria da nossa razão? Como poderíamos discutir, argumentar, conhecer? ‘A cada qual sua verdade?’ Se fosse assim, já não haveria verdade nenhuma, porque ela só vale se for universal. [...]. Quem não vê os perigos que aí se escondem? Se podemos pensar qualquer coisa, podemos fazer qualquer coisa: a sofisticada conduz ao niilismo, assim como o niilismo leva à barbárie<sup>24</sup>.

Assim a dissociação entre discurso e conhecimento acaba por ocasionar demérito ao próprio conhecimento. À guisa de exemplo, quando indivíduos apresentam opiniões tão absurdas como a crença de que “a terra é plana”, ou que a “vacina para sarampo causa mortes”, ou “a raça ariana apresenta superioridade humana”, tem-se em consequência não somente uma apologia da ignorância no sentido epistêmico como também uma apologia da injustiça. Pois, se não é crível distinguir entre o conhecimento e simples crenças e entre princípios éticos universalizáveis e moralismos, o caminho à barbárie nos parece dado. Porquanto o abrandamento de certos costumes, bem como o aperfeiçoamento de leis positivas servem-nos como evidências empíricas (histórico-sociais) que há um melhor a ser atingido pela civilização<sup>25</sup> humana.

Em nossa atualidade jurídica brasileira, o direito considera crime a incitação à prática de crime<sup>26</sup>. Ora, a calúnia, quando se imputa a alguém a

---

<sup>23</sup> Sobre a questão do relativismo na sofisticada, seja ético ou epistêmico, vide os diálogos (tardios) de Platão, tais como: *Eutidemo*, *Crátilo*, *Sofista* e *Teeteto*. Também consultar o “diálogo socrático”, *Protágoras*.

<sup>24</sup> No referido argumento, implicitamente o autor supõe a tese do sofista Protágoras de que “o homem é medida de todas as coisas”, argumento claramente contestado por Platão. No diálogo *Teeteto* (152a), Sócrates afirma: “[Protágoras] afirmava que o homem é a medida de todas as coisas, da existência das que existem e da não existência das que não existem”. Assim, Protágoras cai em absoluto relativismo ou “subjetivismo” ao propor o homem, no singular, portanto, cada homem como medida, assim invalidando qualquer possibilidade de um conhecimento universalmente válido a partir da unidade de princípios.

<sup>25</sup> ELIAS (1994, p. 23): “O conceito de ‘civilização’ refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, as ideias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitações ou a maneira como homens e mulheres vivem juntos, a forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma ‘civilizada’ ou ‘incivilizada’. Daí ser sempre difícil sumariar em algumas palavras tudo a que se pode descrever como civilização.”

<sup>26</sup> O pronunciamento do Ministro, Dias Toffoli, então Presidente do Superior Tribunal Federal, em análise quanto a ação criminal das denominadas *fake news*, no Brasil, afirma que: “A desinformação retira a

prática de algo que em verdade não foi praticado, da mesma forma o é<sup>27</sup>. Do que se segue que quando uma *fake news* propaga sobre alguém ou sobre algum fato algo quem em verdade é falso, trata-se, portanto, de erro não apenas epistêmico que induz à crença para algo falso, porém, da mesma forma, também caracteriza-se como uma afronta à ética e ao Estado de direito<sup>28</sup>, visto que a veracidade do agente é voluntariamente um ato mentiroso, uma fraude, em cuja intencionalidade jamais considera o problema do verdadeiro e do justo.

Os postulados éticos da tradição socrático-platônica propõem-nos uma perspectiva fundamental, a saber, a equivalência entre o bom, o justo e o útil. Posto que algo possa ser considerado útil para uma pessoa, ou um grupo de pessoas, como por exemplo a propagação de uma notícia falsa, nesse caso, inequivocamente, ter-se-ia um sentido de utilidade, se assim não o fosse não haveria sentido em criar essa notícia (falsa). Assim a teleologia é para causar uma reação somente favoráveis àqueles que a consideram útil conforme a intencionalidade de sua criação e propagação. Entretanto, se resulta equivalente o útil e o justo, não mais haverá aquele significado de utilidade, pois não é admissível que a falsidade e a mentira ser justas, logo, úteis, justas e boas para si e para todos os demais. Pode-se conceber que mediante a criação e propagação de uma notícia falsa, o princípio socrático de que (*Górgias*, 469b) “mais vale sofrer injustiça do que praticá-la” está absolutamente ausente. À propósito, sugere-se que uma das finalidades capitais das *fake news* é, com efeito, de suscitar a injustiça e, por conseguinte, ocasionar danos consideráveis aos indivíduos e as sociedades. E isso acaba por reafirmar mais uma semelhança com o uso retórico da sofística, pois, como assere Sócrates, de acordo com a equivalência entre o bom, o justo e o útil, não há nenhuma utilidade que a retórica possa oferecer a quem (*Górgias*, 481a) “não se dispõe a praticar injustiça”<sup>29</sup>. De modo conclusivo Sócrates

---

capacidade de discernir o real do irreal, o ético do não ético, gerando um ambiente de crescente desconfiança e descrença. Resta, então, minimizada a possibilidade de confronto entre opiniões e visões de mundo dissidentes, aquilo que enfraquece ou mesmo nulifica o debate - tão essencial para a democracia. Além disso, cria-se um ambiente propício ao avanço de discursos de ódio, de difamação e de intolerância, os quais estimulam a divisão social a partir da dicotomia “nós” e “eles”, um modo de pensar que novamente remete ao fantasma das ideologias fascistas”. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/ADPF572VotoDT.pdf>. Acesso em 19 jun. 2020.

<sup>27</sup> Conforme os Art. 286 e 138 do *Código Penal Brasileiro*, 1940.

<sup>28</sup> De modo objetivo podemos definir o Estado de direito como o que a partir de uma Constituição, impera a lei, atuando essa como reguladora da vida privada e pública dos cidadãos, fundamentalmente, doravante de garantia de direitos fundamentais dos indivíduos e de direitos sociais e ou coletivos, assim como também a separação entre os poderes institucionais.

<sup>29</sup> Escopo semelhante encontra-se no diálogo *Fedro*, 261c-d: “Como procedem nos tribunais, os advogados das partes em litígio? Não procuram contradizer as afirmações um do outro? Ou não será assim? Contradizem-se, então sobre o que é justo como sobre o que é injusto? E não achas então que,

refuta a retórica sofisticada como útil, boa e justa à alma dos homens e à *polis*; ela não forma às *aretai* da *psyche*, portanto não é condizente aos ideais da *paideia* grega e as ambições da *paideia* filosófica de Platão; constituindo-se como danosa porque a distinção entre o verdadeiro e o falso, o justo e o injusto não lhe cabe interesse, assim jamais pode ela pretender ensinar a *arete* política. A retórica sofisticada assim compreendida legitima a tirania<sup>30</sup>, pois a sua finalidade é somente gerar satisfação e prazer próprio e, quando muito, aos asseclas que compartilham os mesmos desejos de domínio.

Da mesma forma em nossa contemporaneidade, considerando-se que a retórica e as notícias falsas possuam a mesma teleologia de persuadir, sem a distinção devida entre o verdadeiro e o falso o justo do injusto, os danos causados à vida pública (política) não podem ser ignorados, pois a intencionalidade é sempre levar a crer o maior número possível de indivíduos, e por essa razão se apresenta crescente prejuízo na utilização das *fake news* nas democracias modernas. Resulta assim que a retórica sem a racionalidade ética que a filosofia lhe propõe, possui utilidade somente nos casos em que voluntariamente alguém realiza e apregoa o mal (injustiça, ignorância, mentira), e, da mesma forma, anseia em não ser responsabilizado pelos seus atos. E tal parece ser o caso de quem produz e dissemina as *fake news*, pois, independentemente de ser uma pessoa ou um grupo de pessoas, ou o resultado de tecnologia na utilização de “robôs”<sup>31</sup>, o objetivo além de propagar o falso, é

---

fazendo isso com arte, se pode conseguir que a mesma coisa pareça aos homens ora justa, ora injusta, conforme as conveniências [...] E quando se trata das arengas políticas não achas que acontece o mesmo, que a mesma coisa parece aos cidadãos, ora justa ora injusta?” Logo, a retórica como conduzida pelos sofistas promove a crença e as opiniões (*doxa*) e não o conhecimento (*episteme*).

<sup>30</sup> Conforme a apologia da tirania demonstrada pelo sofista Cálicles (*Górgias*, 492b-c). Sobre as formas de governo em Platão, vide *República*, especialmente os livros VII e VIII. No diálogo *O Primeiro Alcibíades*, 135b, lê-se: “Sendo assim, meu precioso Alcibíades, não é a tirania o desejável, nem para ti, nem para a cidade, se almejas ser felizes, porém a virtude”.

<sup>31</sup> “Para disseminar informações falsas, é criada uma página na internet. Um “robô” criado pelos programadores desses grupos é o responsável por disseminar o *link* nas redes. Quanto mais o assunto é mencionado nas redes, mais o robô atua, chegando a disparar informações a cada dois segundos, o que é humanamente impossível”. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/curiosidades/fake-news.htm>. Acesso em 15 jun. 2020. O tema também perpassa o discurso, do então Presidente do STF, Ministro Dias Toffoli (2020, p. 2): “As novas ferramentas tecnológicas permeiam nosso cotidiano. Influenciam nossas relações pessoais e a forma como consumimos, administramos nosso dinheiro e tomamos decisões. Por meio das redes sociais, estabelecemos e mantemos relações afetivas e profissionais; compartilhamos ideias e opiniões; consumimos; influenciados e somos influenciados pelos nossos pares do mundo digital. Esse novo cenário trouxe grandes benefícios: democratizou o acesso ao conhecimento, a produção de conteúdo e a informação, além de ter facilitado as transações econômico-financeiras e o intercâmbio cultural. No entanto, no ambiente virtual, as informações transitam em enorme volume e com grande velocidade. Trata-se de um cenário sujeito à difusão massiva e maliciosa de informações inverídicas e danosas para a sociedade como um todo, seja pela ação humana, seja pela ação de robôs.”

furtar-se a qualquer probabilidade de punição. Suas consequências são sérias e nefastas à vida pública e democrática, posto que, como asserido, se necessariamente a persuasão conduz à crença com ou sem o conhecimento e, conseqüentemente à ação, os indivíduos são encaminhados a crerem no falso e agirem de comum acordo com a falsidade. Seja de maneira voluntária ou involuntária, isso ocasiona imensos prejuízos às relações sociais, incluindo-se as relações nas mídias sociais. Tem-se assim a formação de certo dogmatismo do senso comum<sup>32</sup> que, por sua vez, acaba por legitimar a ignorância, a injustiça e a deseducação das populações. Quando relacionado a vivência política e democrática, o indivíduo dogmático abstém-se de sua capacidade de crítica e questionamento, abdicando-se da própria faculdade de pensamento. O dogmatismo culmina por gerar indivíduos que negam o valor humano da dialogia e da inquirição.

Desse modo, como propõe-se, a temática das *fake news* em nossa atualidade mundial não é somente um tópico que perpassa questões meramente científico-tecnológicas. Recentemente um estudo de *Massachusetts Institute of Technology (MIT)* apresentou uma pesquisa que na rede social *Twitter*, notícias falsas são compartilhadas mais rapidamente que notícias verdadeiras<sup>33</sup>. Quais as razões que compeliriam a essa considerável quantidade de “curtidas” e “compartilhamentos” de notícias falsas em detrimento de notícias verdadeiras? Não são poucas as possibilidades de resposta a esse questionamento, variáveis conforme o horizonte teórico que se lhe oferecer para estudo e análise. Todavia, tem-se de convir que em nossa contextualidade global encontramos-nos, não raro, condicionados a crermos naquilo que gostaríamos que fosse verdadeiro, embora não encontre coerência com a empiria dos fatos ou a veracidade do enunciado. Não obstante, seja em nossa época, ou na Antiguidade clássica, as aparências e as opiniões sempre possuem vigorosa força persuasiva. Desse modo crê-se como possível que uma formação humana como *Bildung*<sup>34</sup>, que também é sempre, *self-Bildung*, portanto,

<sup>32</sup> Outro sentido encontrado de dogmatismo (filosófico) é apresentado na filosofia kantiana. Em suma, o denominado criticismo kantiano foi, sobretudo na *Crítica da Razão Pura*, apresentar as possibilidades e limites da razão e, portanto, do conhecimento humano. KANT (2000, p. 47): “Dogmatismo é, portanto, o procedimento dogmático da razão pura sem uma crítica precedente da sua própria capacidade”.

<sup>33</sup> “The study provides a variety of ways of quantifying this phenomenon: For instance, false news stories are 70 percent more likely to be retweeted than true stories are. It also takes true stories about six times as long to reach 1,500 people as it does for false stories to reach the same number of people. When it comes to Twitter’s ‘cascades’, or unbroken retweet chains, falsehoods reach a cascade depth of 10 about 20 times faster than facts. And falsehoods are retweeted by unique users more broadly than true statements at every depth of cascade”. Disponível em: <http://news.mit.edu/2018/study-twitter-false-news-travels-faster-true-stories-0308>. Acesso em 16 de jun. 2020.

<sup>34</sup> BIESTA (2002, p. 344 apud GUILHERME, 2019, p. 168): “A brief look at one possible history of *Bildung* shows that there is both an educational and a political dimension to it. On the one hand *Bildung*

nesse sentido, também uma *paideia* direcionada a “pessoa interna” (*psyche*), possa contribuir para minimizarmos os danos sociais, éticos, políticos e epistêmicos causados pela criação e vulgarização das notícias falsas. Flickinger (2010, p. 177-178) sugere que a distinção entre os termos *Paideia* e *Bildung*, dá-se no sentido de que o primeiro traz em sua matriz grega uma formação essencialmente ética, enquanto o segundo indica uma formação ao autodesenvolvimento, cujo axioma kantiano de ‘fazer uso de seu entendimento sem a intervenção do outro’ revela sua origem iluminista<sup>35</sup>. Não obstante, se considerarmos a dimensão mencionada acima de *self-Bildung*<sup>36</sup>, é possível sugerir uma equivalência entre *Bildung* e *Paideia* a partir dos pressupostos contidos na concepção socrático-platônica de educação da *psyche*, pois que uma formação ao autodesenvolvimento é intrinsecamente uma formação ético-racional em que a finalidade é formar a alma ao melhor de si mesma mediante o desvelamento de excelências morais fundamentais. Nesse propósito a próxima seção se apresenta como uma reflexão filosófico-educacional no sentido de conceber um horizonte teórico positivo.

### **Duas perspectivas filosófico-educacionais em detrimento das notícias falsas**

Quando Platão, em seu último diálogo, *Leis*, identifica a educação como “educação para a virtude”<sup>37</sup>, é ele cômico de que a causa de inúmeros problemas humanos perpassaria a formação educacional, portanto, que a boa

---

*stands for an educational ideal that emerged in Greek society and that, through its adoption in Roman culture, humanism, neo-humanism and the Enlightenment became one of the central notions of the modern Western educational tradition. Central in this tradition is the question as to what constitutes an educated or cultivated human being. The answer to this question is not given in terms of discipline, socialisation or moralisation, i.e. as the adaptation to an existing ‘external’ order. Bildung refers to the cultivation of the inner life, i.e. the human mind or human soul....Since then Bildung has always also been self-Bildung.”* [https://doi.org/10.1007/978-981-13-8161-4\\_10](https://doi.org/10.1007/978-981-13-8161-4_10).

<sup>35</sup> Para o autor (2010, p. 178-193) a “origem iluminista” foi magistralmente sintetizada no pensamento de Humboldt.

<sup>36</sup> Cf. GUILHERME (2019, p 168).

<sup>37</sup> PLATÃO, *Leis*, 643e-644a-b: “Educação para a virtude que vem desde a infância e nos desperta o anelo e o gosto de nos tornarmos cidadãos perfeitos, tão capazes de comandar como de obedecer [...]. Essa é a única modalidade de educação que tentamos definir, a única, segundo o meu modo de pensar, que merece ser assim denominada. A que tem por finalidade a aquisição de riquezas ou de qualquer modo de força ou habilidade que não leve em consideração a sabedoria e a justiça, é vulgar e nada nobre e não merece absolutamente o nome de educação [...] de regra, o indivíduo bem-educado se torna virtuoso, e que de forma alguma devemos menosprezar a educação, por ser o que de melhora mais elevada chegam a alcançar os homens superiores. E embora sujeita a desvirtuar-se, poderá retomar o bom caminho, objetivo a que, durante toda a vida, devemos dedicar o melhor de nossa capacidade.”

educação poderia amenizar ou mesmo conter os possíveis danos originados por uma má educação, condizente, pois, com a formação conforme os preceitos e objetivos considerados pela sofística. François Châtelet (1994, p. 27), em curta, porém instrutiva análise sobre os *Diálogos*, anui: “Quando se fazem perguntas sobre a justiça, a piedade, o prazer, questiona-se a conduta dos indivíduos e da coletividade”. O argumento de Châtelet corrobora ao que se propõe, porquanto se propomos à educação certas concepções de educação (*Bildung-paideia*) como imprescindíveis a ponto de se constituírem como contraposição a questão das *fake news*, é porque compreendemos que a origem dessa problemática se apresenta como uma questão formativa-educacional. Por conseguinte, isso implica que existem modelos e perspectivas formativo-educacionais que não estão efetivamente a educar, ou seja, a proporcionar aos indivíduos uma formação à virtude-excelência e ao bom uso da racionalidade, assim salvaguardando a eticidade das ações, o valor de verdade dos conceitos, a inquirição filosófica, a criticidade, em suma, ao melhor autodesenvolvimento humano, pessoal e coletivo.

Resulta assim que se apresenta como importante fator de mudança à nossa atualidade mundial um tipo de intervenção educativa ao *ethos*, em seu duplo significa sentidos, isto é, como realidade histórico-social dos costumes e como conduta individual<sup>38</sup>. Parece-nos que ambos os escopos integram as intervenções, notoriamente intencionais, contidas nas conjecturas filosófico-educativas da tradição socrático-platônica frente ao *ethos* tradicional da *polis* grega, talvez nos seja premente um movimento espiritual<sup>39</sup> semelhante.

Ao reflexionar sobre o conceito de *Bildung* e a educação contemporânea, anui Guilherme (2019, p. 167):

A tecnologização da educação teve um profundo impacto sobre os professores e o ensino por causa de seu foco na educação como *Erziehung*, ou educação como o aprendizado de uma habilidade ou profissão, em detrimento da educação como *Bildung*, ou educação como formação de caráter. É discutível que este foco na educação como *Erziehung* tem sérias implicações para as esferas sociais, políticas e éticas da educação, porque interfere direta e negativamente com a capacidade do indivíduo para ser alguém que está preocupado com os outros na

<sup>38</sup> LIMA-VAZ (2002, p. 15): “Na língua filosófica grega, *ethike* procede do substantivo *ethos*, que receberá duas grafias distintas, designando matizes diferentes da mesma realidade: *ethos* (*eta* inicial) designa o conjunto de costumes normativos da vida de um grupo social, ao passo que *ethos* (com *epsilon*) refere-se à constância do comportamento do indivíduo cuja vida é regida pelo *ethos*-costume. É, pois, a realidade histórico-social dos costumes e sua presença no comportamento dos indivíduos que é designada pelas duas grafias do termo *ethos*.”

<sup>39</sup> Conforme o significado dado na primeira seção deste artigo.

comunidade, que se envolve com as várias questões problemáticas da sociedade, e que está consciente do impacto das ações sobre si próprio, aos outros e à sociedade como um todo, isto é, o aspecto *Bildung* da educação<sup>40</sup>.

Desse modo ao considerar-se que há uma concepção de educação como *Erziehung* que não educa para à cidadania e para à eticidade do indivíduo, bem como centrada em uma racionalização tecnicista, torna-se exacerbado a ausência de uma educação como *Bildung* e como *Paideia* (no sentido equivalente de *self-Bildung*) que seriam favoráveis ao *bom-* desenvolvimento de princípios fundamentais basilares à conduta e às racionalidades de modo condizente a denominada, fazendo-se uso do termo de Morin, de “Era-planetária”<sup>41</sup>. Compreende-se que, sem esses fundamentos, abstrai-se dos indivíduos e das coletividades a consciência quanto às responsabilidades ético-sociais, além de acorrermos ao desinteresse quanto aos problemas públicos e comunitários. Assim, infere-se que estaríamos a gerar um tipo de desenvolvimento às avessas, conforme Morin (2003, p. 85) identifica:

O avesso do desenvolvimento reside no fato de que a corrida pelo crescimento se processa à custa da degradação da qualidade de vida, e esse sacrifício obedece apenas à lógica da competitividade. O desenvolvimento suscitou e favoreceu a formação de enormes estruturas tecnoburocráticas que, por um lado, dominam e depreciam todos os problemas individuais, singulares e concretos, e, por outro, produzem a irresponsabilidade, o desapego.

Depreende-se, pois, que uma educação direcionada ao profissionalismo tecnicista, em cuja proposta dá-se na aquisição de competências e habilidades determinadas, e que servem a fins muito específicos, em grande medida oportuniza a geração de indivíduos indiferentes às questões éticas, políticas e sociais. Desse modo, concebe-se que a formação intelectual não deveria ser realizada em detrimento de uma cultura humana que amplamente favoreça o desenvolvimento de uma consciência ética e político-social. Porque seria questionável o quanto certo profissional, extremamente especializado em alguma área de saber técnico, tornar-se-ia capaz de colocar-se em exame<sup>42</sup>, como provavelmente dir-nos-ia Sócrates, ou seja, promover em si

---

<sup>40</sup> Tradução nossa.

<sup>41</sup> Em referência ao título da seguinte obra: MORIN, E. (et al). *Educar na Era Planetária*. Título original: *Éduquer Pour L'Ère Planétaire. La pensée complexe comme Méthode d'apprentissage dans l'erreur et l'incertitude humaines*. Français, Balland, 2003.

<sup>42</sup> PLATÃO, *Apologia de Sócrates*, 38a: “[...]. Se, por outro lado, disser que o maior bem para um homem consiste em discorrer todos os dias sobre a virtude e outros temas sobre os quais me tendes ouvido

mesmo questionamentos éticos sobre a conduta<sup>43</sup> e, acrescenta-se, sobre o saber-profissão exercido.

Nesse sentido o que se apresenta como vital à nossa contemporaneidade é educar a inteligência humana sem demérito da vida coletiva, é sim, desenvolver habilidades e competências específicas, porém, nunca em detrimento da reflexão, da autocrítica, do bem comum. Desse modo quando se fala, à guisa de exemplo, de inteligência artificial<sup>44</sup>, são as mesmas questões éticas, políticas e epistêmicas que aparecem como primordiais, e não a tecnologia em si mesma. Como bem considerou Philip Agre (2021) ‘que antecipou nossa incapacidade de resistir à desinformação bem elaborada e pressupôs que a IA<sup>45</sup> seria empregada para fins sombrios se não fosse submetida a questionamentos morais e filosóficos’. Do mesmo modo, portanto, o problema quanto a produção e propagação das notícias falsas nos revela os mesmos questionamentos sobre a razoabilidade de nossa conduta e os bons ou maus usos de nossa racionalidade. Pois, quando nos referimos com princípios tecnológicos sobre o tópico das notícias falsas, sobretudo a sua reprodução, tratamos de um uso danoso da inteligência artificial. E assim justifica-se o quanto pensarmos a questão das *fake news* em perspectiva filosófico-educacional apresenta-se imprescindível.

Do mesmo modo se ponderado a temática de pesquisa proposta, utilizando-se de uma perspectiva mais histórica do que filosófica, reafirmar iase a própria coerência do que se propôs como estudo. Exemplifica-se: Ao arrazoar sobre a propaganda em relação aos regimes totalitários – portanto, em contexto anterior as novas tecnologias de computação – como as que promovem a disseminação em massa<sup>46</sup> de *fake news* – Arendt (1989, p. 390-

---

conversas, examinando-me a mim próprio e aos outros, e que uma vida sem este exame não é digna de ser vivida, ainda menos me acreditareis. No entanto, juízes, o que vos digo é a verdade, embora não seja fácil convencer-vos disso.”

<sup>43</sup> PLATÃO, *Apologia de Sócrates*, 29d: “Meu caro amigo, és ateniense, natural de uma cidade que é a maior e a mais afamada pela sabedoria e pelo poder, e não te envergonhas de só cuidares de riquezas e dos meios de as aumentares o mais que puderes, de só pensares em glória e honras, sem a mínima preocupação com que há em ti de racional, com a verdade e com a maneira de tornar a tua alma o melhor possível?” As admoestações de Sócrates, em geral, são para a totalidade dos atenienses que acompanhavam o seu julgamento. São recriminações sobre a conduta e sobre as opiniões comuns que, invariavelmente, implicam nas ações e juízos morais.

<sup>44</sup> A inteligência artificial pode ser entendida de duas formas, conforme GUILHERME (2019, p. 171): “i. *we can understand AI as a computer program that successfully mimics human cognition—this is that which I call a thick conception of AI.* ii. *We can conceive of AI as a computer program that deals with a particular aspect of knowledge in a highly intelligent way, aiding human beings to perform certain tasks—this is that which I call a thin conception of AI.*” [https://doi.org/10.1007/978-981-13-8161-4\\_10](https://doi.org/10.1007/978-981-13-8161-4_10)

<sup>45</sup> Sigla em inglês para o termo inteligência artificial, *artificial intelligence*.

<sup>46</sup> Em política isso soa como anúncio de algo bem perigoso: a condução das massas (que geralmente) são indiferentes as questões políticas. ARENDT (1989. p. 361): “o conceito de massa se aplica quando

393) pondera que “a propaganda é um instrumento do totalitarismo, possivelmente o mais importante, para enfrentar o mundo não-totalitário”. Assim os regimes totalitários do nazi-fascismo possuíam uma máquina governamental de propaganda cujo objetivo concernia à consolidação da mentira por meio de reiteradas afirmações do que se constituía em verdade falso. Por conseguinte, de certo modo, as *fake news* atuam como anúncios publicitários que divulgam um fato ou uma ideia que em princípio são falsos, sendo o seu meio habitual de propagação as redes sociais. Assim sendo, tanto a propaganda quanto às *fake news* possuem o mesmo objetivo da retórica, ou seja, de meramente persuadirem e, em cuja intencionalidade, não lhe é útil e nem bom o distinguir entre o verdadeiro e o falso e entre o justo e o injusto. De toda forma, pode-se considerar que antes de quaisquer possibilidades de novas tecnologias a intencionalidade do pensamento e das ações que produzem o falso é eminentemente humana. Ao promovê-lo, os seus efeitos são nefastos às sociedades, aos indivíduos e às democracias<sup>47</sup>.

### **Considerações finais**

Considerou-se que as chamadas notícias falsas, mundialmente popularizadas em sua expressão de língua inglesa *fake news*, nos apresenta em sua teleologia a persuasão, e nisso a sua equivalência com a retórica. Não obstante, como considerado a partir das inferências de Sócrates no diálogo *Górgias*, de Platão, tanto o discurso que conduz ao conhecimento quanto o discurso que conduz a crer persuadem. Assim torna-se imprescindível distinguir-se entre simples opinião e conhecimento, pois as crenças podem ser falsas ou verdadeiras, condição que o conhecimento não permite. Porém, o que torna a questão muitíssimo pertinente e os seus prejuízos muitíssimos danosos, é a irrelevância que em comum se encontram na tradição sofisticorretórica e no uso contemporâneo das *fake news* quanto ao desprestígio do conhecimento, bem como a habitual ênfase no que somente aparenta ser. Nesse sentido o que é falso adquire relevância conforme os fins pretendidos de persuadir o maior número de pessoas possível, o que ocasiona, inevitavelmente, danos consideráveis às relações sociais, ético-políticas e educacionais.

---

lidamos com pessoas que, simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou a mistura de ambos, não se podem integrar numa organização baseada no interesse comum, seja partido político, organização profissional, ou sindicato de trabalhadores”.

<sup>47</sup> “Nos Estado Unidos o uso de *fake news* nas eleições em 2018 já superou Trump em 2016”, tal a manchete da reportagem do portal da *Revista Exame*. Disponível em <https://exame.com/mundo/nos-eua-uso-de-fake-news-nas-eleicoes-2018-ja-superou-trump-em-2016/>. Acesso em 22 jun. 2020.

A *paideia* socrático-platônica majora o conceito de educação a partir de sua caracterização essencialmente ético-formativa, a qual assenta-se na formação-configuração (*Bildung*) de virtudes ou excelências (*aretai*) capitais à *psyche*. Nesse propósito privilegia-se uma formação que não pretenda fins de competência técnica, mas que fomenta especial atenção a si, ou seja, ao que o homem possui de primordial, a sua alma e, educá-la para as *aretai* se constitui como algo verdadeiramente bom, útil, justo e belo à comunidade política (*polis*). Assim a vida humana encontra a sua razão de ser, a pretendida dignidade em examinar-se e ponderar o quanto há em real direcionamento e desenvolvimento à excelência de si. Nestes termos pronunciar o mais verdadeiro no discurso é consequência de construir o verdadeiro em si próprio, mediante a essa ascese interna não se encontra possibilidade de valorizar a aparência em detrimento do que é, o injusto em detrimento do justo. Assim o embate filosófico-argumentativo, político, educacional e ético com a sofística é necessário e justo, porquanto jamais condizente com crenças, ações e discursos que viabilizassem inverdades e injustiças.

Em nossa contemporaneidade é inegável, ao menos para o Ocidente, que vivemos em sociedades essencialmente consumidoras, inclusive de redes sociais. Logo, o meio no qual primordialmente é utilizado a criação e disseminação de *fake news* são abundantes em nosso consumo e em nossas relações. Porém a procedência primária das *fake news* é a pessoa humana, desse modo é em sua formação que é necessário intervir para refrear a produção do falso em benefício do verdadeiro. Por isso considerou-se que os princípios da *paideia* grega, conforme a tradição socrático-platônica inspirada no ideal de *kalokagathia*, assim como os pressupostos de uma educação como *Bildung*, que se anuiu é sempre *self-Bildung* (autodesenvolvimento), são imprescindíveis para atuar-se na causa originária do problema que se nos apresenta em nossa contemporaneidade. Em outras palavras, de sermos capazes de desenvolvermos em nós mesmos enquanto indivíduos e sociedades, de modo planetário, melhores condições – éticas-educacionais-epistêmicas – de resistência às desinformações bem elaboradas produzidas e disseminadas pelas *fake news*.

Do mesmo modo, considerou-se que o estudo do tópico das notícias falsas dentro do horizonte teórico da filosofia acaba por dignificar a pesquisa na área de ciências humanas. Visto considerar-se que as questões derivadas do tema proposto são àquelas as quais se ocupam as humanidades, especialmente a partir de uma racionalidade ética que considere como indispensável o critério do mais verdadeiro às narrativas e aos discursos considerado requisito essencial ao exercício do pensamento reflexivo e autocrítico. Assim resulta que urge em nossa atualidade brasileira e mundial um tipo de reforma do *ethos* político-

educacional que privilegie o autodesenvolvimento humano a partir de valores racionais e éticos que considere a indispensabilidade das opiniões contraditórias para uma formação democrática e cidadã, porém sem nunca preterir do valor do conhecimento e da veracidade dos fatos.

A educação da pessoa humana fundamentada em princípios éticos-filosófico nos parece inquestionável para pensar o valor do humano em sociedades cada vez mais digitalizadas e sobre influência crescente de tecnologias computacionais; uma educação que fomente como primordial a distinção entre simples opinião e conhecimento e que detenha pressupostos que legitimem os benefícios do reflexionar, do autodesenvolvimento, da criticidade e do questionamento. Em suma, somente a educação, certo tipo de educação, como aqui sugerimos, será com efeito eficaz aos indivíduos e às sociedades para que às populações, e os grupos de pessoas que compõem às redes sociais, possam ser persuadidas mediante princípios verdadeiros que proporcionem o conhecimento e não simplesmente ser conduzidas à crerem por ser meramente persuadidas.

## Referências

- ALBERGOTTI, R. “Profeta da inteligência artificial deixou série de alertas e sumiu do mapa”. Trad. Romina Cácia. The Washington Post. In: *Estadão*, São Paulo, 06 set. 2021. Disponível em: <https://link.estadao.com.br/noticias/cultura-digital,profeta-da-inteligencia-artificial-deixou-serie-de-alertas-e-sumiu-do-mapa,70003829290>. Acesso em 06 set. 2021.
- ANNAS, J. *Platonic Ethics: Old and New*. U.S.A: Cornell University Press, 1999.
- ARENDT, H. *A Vida do Espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Trad. Antonio Abranches (et al). 4. ed. 2. v. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Origens do Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução e notas Manuel Alexandre Júnior (et al). 2. ed. rev. Portugal, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.
- BATISTA, R. “Fake News”. In: *UOL*, 2020. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/curiosidades/fake-news.htm>. Acesso em 15 jun. 2020.
- BLACKBURN, S. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Consultoria da edição brasileira, Danilo Marcondes; Trad. Desidério Murcho [et al.]. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

- BOBBIO, N.; VIROLI, M. *Direitos e Deveres na República: os grandes temas da política e da cidadania*. Trad. Daniela Beccaccia Versiani. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- BREHIÉR, E. *História da Filosofia*. Trad. Sicupira Filho. v.1. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- CHÂTELET, F. *Uma História da Razão: entrevistas com Émile Noël*. Prefácio de Jean-Toussaint Desanti. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- DEARO, G. “Nos EUA, uso de fake news nas eleições 2018 já superou Trump em 2016”. In: *Exame*, 2020. Disponível em <https://exame.com/mundo/nos-eua-uso-de-fake-news-nas-eleicoes-2018-ja-superou-trump-em-2016/>. Acesso em 22 jun. 2020.
- DIZIKES, P. “Study: On Twitter, false news travels faster than true stories”. In: *Mit News*, 2020. Disponível em: <http://news.mit.edu/2018/study-twitter-false-news-travels-faster-true-stories-0308>. Acesso em 16 jun. 2020.
- ELIAS, N. *O Processo Civilizador*. Trad. Ruy Jungman. Rev., e apresentação Renato Janine Ribeiro. 2. ed. v. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1994.
- FLICKINGER, H. G. *A caminho de uma pedagogia hermenêutica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. (Coleção Educação contemporânea).
- FOUCAULT, M. *O Governo de si e dos outros*. Curso no Collège de France (1982-1983). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- GUILHERME, A. “Considering AI in Education: Erziehung but never Bildung”. In: KNOX J., WANG Y., GALLAGHER, M. (eds). *Artificial Intelligence and Inclusive Education*. Perspectives on Rethinking and Reforming Education. Springer, Singapore, 2019. [https://doi.org/10.1007/978-981-13-8161-4\\_10](https://doi.org/10.1007/978-981-13-8161-4_10)
- GUTHRIE, W. *History of Greek philosophy*. v. 3. London; New York: Cambridge University Press, 1971.
- HADOT, P. *O que é filosofia antiga?* Trad. Dion Davi Macedo. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- JAEGER, W. *Paidéia: a formação do Homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. Revisão do texto grego Gilson César Cardoso de Souza. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Valerio Rohden; Udo B. Moosburger. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000. (Coleção Os Pensadores).
- LIMA-VAZ, C. *Escritos de Filosofia IV: introdução à Ética filosófica 1*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MACINTYRE, A. *Depois da virtude*. Trad. Jussara Simões. São Paulo: EDUSC, 2001. (Coleção Filosofia & Política).

MESQUITA, A. P. *Reler Platão: ensaio sobre a teoria das ideias*. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional, 1995.

MORIN, E. (et al). *Educar na era planetária: o pensamento complexo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*. Trad. Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

OLIVIER, R. *Introdução à retórica*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PLATÃO. *Górgias*. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1970.

\_\_\_\_\_. *Fedro*. Tradução e notas Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, 1989. (Coleção Filosofia e Ensaios).

\_\_\_\_\_. *Carta VII*. Texto estabelecido e anotado por John Burnet; introdução de Terence H. Irwin; tradução do grego de José Trindade Santos e Juvino Maia Jr. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2008.

\_\_\_\_\_. *O Primeiro Alcibiades*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 1975.

\_\_\_\_\_. *A República*. Trad. Introdução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 11. ed. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

\_\_\_\_\_. *Leis*. Trad. Introdução e notas de Carlos Humberto Gomes. v. 1. Portugal: Edições 70, 2004.

\_\_\_\_\_. *Diálogos: Apologia de Sócrates, Críton, Laques, Cármites, Lísias, Eutífron, Protágoras, Górgias*. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1970.

\_\_\_\_\_. *Apologia de Sócrates; Críton*. Introdução, tradução e notas de Manuel de Oliveira Pulquério. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

REALE, G. *O Saber dos Antigos: terapia para os tempos atuais*. Trad. Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. *Platão*. Trad. Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. Nova edição corrigida. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

ROBINSON, T. M. *A Psicologia de Platão*. Trad. Marcelo Marques. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

REBOUL, O. *Introdução à Retórica*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção Justiça e Direito).

SPONVILLE-COMTE, A. *Apresentação da Filosofia*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SZLEZÁK, T. *Platão e a escritura da Filosofia: análise de estrutura dos diálogos da juventude e da maturidade à luz de um novo paradigma hermenêutico*. Trad. Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

TOFFOLI, D. “Medida cautelar na arguição de descumprimento de preceito fundamental 572 Distrito Federal”. In: *STFJUS* 2020. Disponível em:

<http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/ADPF572VotoDT.pdf>. Acesso em 19 jun. 2020.

TRABATTONI, F. *Platão*. Trad. Rineu Quinalia. São Paulo: Annablume, 2010. (Coleção Archai: as origens do pensamento ocidental, 2).

Email: alexandre.guilherme@puccs.br

Email: gabiphilo78@gmail.com

Recebido: 01/2022

Aprovado: 08/2022